



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL**

**VITOR DE OLIVEIRA GUERRA**

**“HIPÓCRATES FORRADO DE CATÃO”:  
A representação do personagem principal em *O alienista***

Brasília – DF  
2018

VITOR DE OLIVEIRA GUERRA

**“HIPÓCRATES FORRADO DE CATÃO”:  
A representação do personagem principal em *O alienista***

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de  
Curso para graduação em Letras – Português pela  
Universidade de Brasília (UnB)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Laura dos Reis Corrêa

**Brasília – DF  
2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a quem tenha contribuído, de alguma maneira, com meu desenvolvimento acadêmico até este ponto, que é um marco na minha trajetória como estudante e como profissional. Obrigado a todos que me ajudaram neste processo, com agradecimentos especiais:

À Professora Ana Laura Corrêa por ter me inspirado, desde suas aulas, a encaminhar meus estudos na Crítica Dialética e por ter renovado meu amor pela literatura. Agradeço os ensinamentos, bem como a orientação e a correção que tive para realização deste artigo.

Ao Professor Alexandre Pilati, ao Professor Edvaldo Bergamo, à Professora Adriana Araújo, à Professora Dapheny Feitosa e à Professora Elisabeth Hess pelos ensinamentos dentro da linha de pesquisa que adotei como norteadora dos meus estudos em literatura.

Aos meus pais por terem sempre me incentivado no caminho dos estudos e pela base que me deram para que eu pudesse seguir adiante com meus próprios passos.

Aos amigos que fizeram parte da minha vida, com especial destaque ao Grupo Amigo (Isaias Candido, Giselle Alves, Matheus Ely Pessoa, Camila dos Santos, Rafaella Freitas, Isabela Brandizzi, Isadora Carvalho, Yally Tavares, Carla Rios, Matheus Leopoldino, Sarah do Nascimento, Vitória Oliveira e Rebecca Adjuto), o pessoal que foi suporte um do outro ao longo dos anos de graduação. Agradeço também a outra amiga, Cecília de Queiroz, pela amizade de longa data e pelo apoio de sempre.

À Alessandra Coelho por me ouvir em momentos de dificuldade e por me conceder apoio psicológico para eu continuar forte nesse meu processo de crescimento.

Ao Júlio César Boromello, meu príncipe que eu amo tanto, por sempre estar ao meu lado quando eu mais preciso, por me motivar a ir mais longe mesmo com todas as adversidades. Obrigado por ser meu combustível, por vibrar pelas minhas conquistas, que, de alguma maneira, também são nossas conquistas.

A Deus, finalmente, por ser uma força de luz que me inspira a ser alguém melhor.

## “HIPÓCRATES FORRADO DE CATÃO”<sup>1</sup>:

### A representação do personagem principal em *O alienista*

**RESUMO:** O presente artigo discute a representação do protagonista Simão Bacamarte do conto *O alienista*, de Machado de Assis. É analisada a construção do personagem, observando sua relação com o cientificismo marcante do final do século XIX. A representação do personagem é entendida a partir dos conceitos marxistas referentes à estética, considerando uma representação realista do sujeito em sociedade, em que o conto aparece como uma obra que consegue capturar a dinâmica que liga o indivíduo às problemáticas de sua realidade.

**Palavras-chave:** *O alienista*; protagonista; representação, realismo.

## 1. INTRODUÇÃO

Publicado entre 1881 e 1882, o conto *O alienista*, de Machado de Assis, é um dos mais renomados trabalhos do escritor, em que se pode perceber sua capacidade de representação da sociedade brasileira em fins do século XIX. Como uma crítica irônica às tendências científicas desse período, Machado constrói uma narrativa em torno de Simão Bacamarte, médico que se dedica ao estudo da loucura e funda a Casa Verde em Itaguaí, um hospício em que estuda casos e trata pessoas com desequilíbrios mentais. A presença da Casa Verde na cidade causa alguns transtornos, principalmente quando a população começa a perceber que algumas pessoas, aparentemente sãs, estão sendo internadas no hospício. Uma das grandes problemáticas do conto gira em torno desse julgamento que Simão Bacamarte faz para delimitar o que é loucura e o que é razão, o que gera uma série de desconfortos no povo e, inclusive, um levante popular para derrubar o poder do médico na cidade.

Um dos momentos que melhor revelam essa avaliação questionável do alienista é a internação de sua própria esposa, D. Evarista.

Um dia de manhã — dia em que a câmara devia dar um grande baile, — a vila inteira ficou abalada com a notícia de que a própria esposa do alienista fora metida na Casa Verde. Ninguém acreditou; devia ser invenção de algum gaiato. E não era: era verdade pura. D. Evarista fora recolhida às duas horas da noite. O padre Lopes correu ao alienista e interrogou-o discretamente acerca do fato.

— Já há algum tempo que eu desconfiava, disse gravemente o marido. A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou

---

<sup>1</sup> A citação é do conto *O alienista*: ASSIS, M. de. **O alienista**. 34 ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 46.

logo que voltou do Rio de Janeiro. Desde então comecei a observá-la. Suas conversas eram todas sobre esses objetos; se eu lhe falava das antigas cortes, inquiria logo da forma dos vestidos das damas; se uma senhora a visitava na minha ausência, antes de me dizer o objeto da visita, descrevia-me o traje, aprovando umas coisas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendíssima há de lembrar-se, propôs-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da matriz. Tudo isto eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da câmara municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa. — Que tem? perguntei-lhe. — Queria levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito! — Pois leve o de safira. — Ah! mas onde fica o de granada? — Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, ensaiando-os ao espelho, ora um ora outro. Era evidente a demência; recolhi-a logo.

O padre Lopes não se satisfez com a resposta, mas não objetou nada. O alienista, porém, percebeu e explicou-lhe que o caso de D. Evarista era de “mania suntuária”, não incurável e em todo caso digno de estudo.

— Conto pô-la boa dentro de seis semanas, concluiu ele.

E a abnegação do ilustre médico deu-lhe grande realce. Conjeturas, invenções, desconfianças, tudo caiu por terra desde que ele não duvidou recolher à Casa Verde a própria mulher, a quem amava com todas as forças da alma. Ninguém mais tinha o direito de resistir-lhe — menos ainda o de atribuir-lhe intuítos alheios à ciência.

Era um grande homem austero, Hipócrates forrado de Catão.

(ASSIS, 2009, pp. 45-46)

O diagnóstico do alienista é decisivo e aparentemente imparcial. Sua dedicação à ciência cria essa ideia de imparcialidade que leva o médico a internar sua própria esposa. Os laços conjugais não são mais importantes do que o seu papel enquanto alienista. Se foi identificado algum tipo de transtorno que fuja à sanidade, a internação se faz necessária, mesmo que a pessoa acometida desse “problema” seja alguém tão próximo afetivamente.

A fala do médico se cobre de termos formais e técnicos mesmo ao tratar da internação de alguém íntimo: “sintomas graves”, “declarou-se a total demência”, “Era evidente a demência”. O próprio narrador usa de alguns desses termos para poder representar a cena e ressaltar esse aspecto distante da ciência, em contraste com a proximidade da relação conjugal: “o caso de D. Evarista”, “caso digno de estudo”. Esse contraste, enfatizado pelo narrador, revela, de forma irônica, a personalidade do protagonista associada ao seu compromisso com a ciência. Apesar do narrador utilizar alguns elementos de formalidade médica para narrar a conversa, esse recurso revela justamente a perversidade dessa mesma medicina, que ignora os laços conjugais e se dedica exclusivamente ao diagnóstico formal.

A própria caracterização de Simão Bacamarte enquanto “grande homem austero”, associado a um “Hipócrates”, permite que o leitor compreenda os problemas dessa personalidade, em que o modelo de homem da ciência abafa a própria humanidade do personagem. Cria-se uma imagem de poder intelectual, que Simão Bacamarte adota para si, e algumas questões humanas e subjetivas do protagonista são diminuídas, como a preocupação que o marido pode ter com a sua esposa. D. Evarista, nesse momento, é mais uma paciente do alienista do que a esposa do personagem.

Essa compreensão de Simão Bacamarte enquanto “grande homem austero” envolve o ambiente em que se passa a narrativa, sendo a imagem de grande médico uma ideia entendida pelas pessoas que compõem a sociedade de Itaguaí. O próprio padre Lopes tem seus questionamentos acerca da atitude do alienista, mas não o enfrenta. A ciência, personificada na fala e na vida do protagonista, é, muitas vezes, colocada como inquestionável, visão essa que guia o enredo e orienta Simão Bacamarte para seu desfecho.

Entretanto, não é essa visão que domina todos os momentos da narrativa. Os problemas que Machado de Assis discute sobre essa tendência encontram espaço, no conto, nas forças contrárias ao cientificismo imparcial e desumano do alienista. Em determinado momento, a população se revolta contra o autoritarismo dessa prática de Simão Bacamarte e exige a destruição da Casa Verde, uma vez que o povo entende que essa suposta imparcialidade da ciência talvez não seja a única verdade possível. Esse questionamento dá corpo a uma reação contrária à força que move Simão Bacamarte, o que revela possibilidades que o alienista não enxerga por estar tão condicionado a entender a ciência como verdade incontestável. Essa colocação, contudo, não atinge tão fortemente o protagonista, que ainda se deixa conduzir por essa falsa ideia de verdade científica maior. A força dessa reação popular na chamada “revolta dos Canjicas” (ASSIS, 2009, p. 34) está, na narrativa, para mostrar as possibilidades além da visão limitada do protagonista, trazendo, para a obra, um entendimento mais amplo da situação narrada.

Outra maneira de revelar uma realidade maior do que a delimitada pela visão do médico é a própria voz do narrador. Ao longo do conto, é possível perceber essa questão por meio da ironia como, por exemplo, na cena da internação de D. Evarista, em que o narrador caracteriza com os adjetivos “ilustre” e “grande”, por exemplo, um homem de raciocínio deturpado e incoerente, revelando, pelo uso de palavras de sentido oposto, o que se pretende. Caracteriza-se ironicamente como gênio uma pessoa que passa por um processo de limitação de perspectiva, apoiada em uma dedicação extravagante à ciência. O diagnóstico dado por Simão Bacamarte a sua esposa é um ponto alto de um processo que marca o personagem desde o início da narrativa,

em que sua entrega à medicina chega a níveis tão exagerados que se sobrepõe às relações humanas e, por consequência, desumaniza a vida do próprio Simão Bacamarte.

O protagonista tem sua individualidade diminuída para assumir a imagem de “grande homem austero”, ignorando seus potenciais humanos em nome de um saber que é colocado como inquestionável. Esse saber parece ignorar também a humanidade das demais personagens na visão do alienista, que não consegue reconhecer, por exemplo, que o interesse de D. Evarista pela moda poderia ser a realização de um desejo há muito latente, conquistado pelo dinheiro do marido. O histórico social e pessoal de D. Evarista é esquecido e uma observação metódica sobre seus hábitos passa a ter mais valor, o que condena a mulher a uma internação na Casa Verde.

A necessidade do médico de interpretar perfeitamente a mente humana leva o protagonista, tal como fez com D. Evarista, a avaliar a conduta dos outros moradores de Itaguaí, colocando-se como responsável pelo uso da ciência. Esta, por sua vez, é entendida como a responsável por definir o que seria um comportamento sã, o que, na visão do médico, não abre espaço para dúvidas e questionamentos. O que Simão Bacamarte entende que faz seria apenas obedecer ao que estuda, ao que diz a ciência. Contudo, não compreende que as relações humanas são dotadas de certa complexidade que não é delimitada unicamente por esse saber médico, mas que engloba uma série de outras questões que, se consideradas, levariam a uma atitude médica mais justa e menos perversa. Também não se considera a ciência como representação de um saber que media relações humanas com a natureza, eliminando a humanidade desse conhecimento e isolando esse saber de suas verdadeiras conexões.

## 2. “UM GRANDE HOMEM AUSTERO”<sup>2</sup>

A representação de Simão Bacamarte está atrelada à já discutida imagem de homem sábio, que, por seu conhecimento, mostra-se como autoridade em Itaguaí. Esse conhecimento, marcadamente científico, ajuda a construir a personalidade do protagonista, permitindo que se acesse mais sobre a realidade discutida pelo conto. A força de uma ciência que se coloca como incontestável domina a individualidade de Simão Bacamarte e abafa outras possibilidades de expressão que não as do papel de médico. Em seu artigo *O Alienista: loucura, poder e ciência*, Roberto Gomes (1993) trata, em um trecho específico, sobre essa imagem de cientista na caracterização do personagem.

---

<sup>2</sup> A citação é do conto *O alienista*: ASSIS, M. de. **O alienista**. 34 ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 46.

Simão Bacamarte descreve uma trajetória de desastre – rodeado pela mediocridade, intriga, inveja, hipocrisia – mas, em meio a tudo isso, não deixa um só momento de fazer de seu corpo a “imagem vivaz do gênio”. Simão Bacamarte é o corpo disciplinado.

A ideia da ciência é, de fato, sua única ocupação. Mas ela não está apenas em sua cabeça ou em sua biblioteca. Ela percorre todo seu corpo, suas vestes, suas falas, seus gestos: transformou seu corpo na expressão acabada de seu ideal e nada nele escapa a esta determinação obsessiva. (GOMES, 1993, p. 153)

A fala dominada pela ciência, tal qual comenta Gomes, é percebida no trecho utilizado na introdução deste trabalho, em que se conta como D. Evarista foi recolhida para a Casa Verde. E o falar científico que o narrador utiliza no mesmo trecho, como já mencionado, também ajuda a caracterizar o personagem e a orientar a história.

Em *O alienista*, desse modo, a caracterização do personagem não está distante dos acontecimentos narrados, sendo que a descrição de Simão Bacamarte auxilia o desenvolver da narrativa, dá novas dimensões para o enredo. A ação assume caráter central, em que a descrição do personagem ou se faz na própria ação ou, como colocado, está a serviço da mesma.

György Lukács (2011), em *O romance como epopeia burguesa*, comenta sobre a importância da ação no romance, o que, de certa forma, pode ser aproveitado na análise deste conto. A ação, para o autor, ganha importância vital na narrativa, sendo a responsável por garantir uma obra que consiga captar a realidade em seus aspectos mais essenciais.

Todo conhecimento das relações sociais é abstrato e desinteressante, do ponto de vista da narrativa, se não se torna o momento fundamental e unificador da ação, toda descrição das coisas e das situações é algo morto e vazio se é descrição apenas de um simples espectador, e não momento ativo ou retardador da ação. [...] Se se trata de representar a relação real do homem com a sociedade e a natureza [...], o único caminho adequado é a figuração da ação. E isso porque somente quando o homem age em conexão com o ser social é que se expressa sua verdadeira essência, a forma autêntica e o conteúdo autêntico de sua consciência, independentemente de que ele o saiba ou não, e quaisquer que sejam as falsas representações que ele tenha desta conexão. (LUKÁCS, 2011, p. 205)

A ação ganha destaque em *O alienista*, o que confere à obra uma possibilidade maior de capturar a essência da realidade ao mostrar a deformada atitude de Simão Bacamarte em sua relação com os moradores da cidade. Essa deformação está ligada à limitação de sua perspectiva de apreensão do real, uma vez que a ciência se coloca como única possibilidade e esconde as demais visões sobre o todo que o protagonista poderia ter. Não se enxerga a humanidade que existe no estudo médico, não se entende a ciência como produto dos seres humanos em conexão.

Elimina-se a humanidade da medicina e a isola, atribuindo-lhe um sentido artificial e, conforme visto no conto, danoso.

Essa entrega exagerada ao fazer científico levou a uma série de incômodos na cidade, gerando um espaço de medo e de inquietude. A sociedade sofria com os diagnósticos do alienista, uma vez que uma avaliação emitida por Simão Bacamarte era capaz de modificar a vida cotidiana da comunidade.

Uma resolução do médico, em determinado momento do conto, permitiu que os loucos internados na Casa Verde fossem liberados e fez com que os considerados sãos fossem recolhidos. O alienista, nesse episódio, tinha decidido mudar de teoria e passou a acreditar que a normalidade estava no “perfeito desequilíbrio das faculdades” (ASSIS, 2009, p. 53). Desse modo, foram internados os antes sãos, que, após algum tempo, foram liberados a partir de um tratamento que os desequilibrou em relação a seus antigos hábitos.

Essa liberação de todos os internos levou Simão Bacamarte a algumas reflexões e encaminhou a narrativa para seu desfecho:

[...] Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas, sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa.

— Nenhum defeito?

— Nenhum, disse em coro a assembleia.

— Nenhum vício?

— Nada.

— Tudo perfeito?

— Tudo.

— Não, impossível, bradou o alienista. Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade.

A assembleia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador:

— Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: — a modéstia.

Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse [...].

— A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.

— Simão! Simão! meu amor! dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas.

[...] Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.

(ASSIS, 2009, pp. 55-56)

A morte solitária do protagonista é o ápice da visão deformada que tinha da realidade, em que a ciência adquire uma força superior às demais questões humanas e leva o personagem a um definhamento enquanto sujeito. Ele não reconhece mais as verdadeiras relações entre indivíduos e não reconhece a sua própria personalidade, dependendo da avaliação dos outros para esclarecer quem ele é. Sua vida se perde em meio a investigações sobre a sanidade, resultando em um fim irônico em que, aparentemente, o louco seria o próprio alienista.

O protagonista tem uma visão de mundo particular, mas que está muito ligada a uma perspectiva universal: o cientificismo finissecular do século XIX. Essas relações com o universal estão muito bem construídas no conto, revelando uma “concepção de mundo” (LUKÁCS, 2010a, p. 189) que, apesar de deturpada e problemática, é consistente e vive em dinâmica contradição (ainda que o personagem não a perceba). Em seu texto *A fisionomia intelectual dos personagens artísticos*, Lukács (2010a) comenta:

A concepção do mundo é a mais elevada forma de consciência; por isso, o escritor que a ignora suprime o aspecto mais importante do personagem que pretende criar. A concepção do mundo é uma profunda experiência pessoal do indivíduo singular, uma expressão altamente característica de sua íntima essência, e reflete ao mesmo tempo os problemas gerais da época. (LUKÁCS, 2010a, p. 189)

Apesar de problemática, existe uma “concepção do mundo” (LUKÁCS, 2010a, p. 189) em Simão Bacamarte. Lukács diz que nem sempre a “fisionomia intelectual dos personagens artísticos” (LUKÁCS, 2010a, p. 189) corresponde ao que é a realidade, mas sempre deve revelar uma “unidade” (LUKÁCS, 2010a, p. 189) mesmo que permeada por oposições e dilemas. Em Simão Bacamarte, há um movimento marcado pela deformação do real, mas que constitui uma visão de mundo inteira e coerente com o protagonista. O alienista é um personagem crível, que não é somente estereótipo ou alegoria. Sua mentalidade, apesar de limitada em relação à realidade como um todo, está relacionada a um contexto histórico particular e é entendida, na narrativa, como uma possibilidade entre outras.

A existência de outras formas de se conceber a vida está, na narrativa, nas ações e nos comportamentos de outros personagens, como é o caso do Canjicas, e também no posicionamento do narrador frente ao enredo. É importante ressaltar que o ponto de vista do protagonista não é o mesmo ponto de vista do narrador, o que revela que o mundo não se encerra na visão de Simão Bacamarte. Algumas colocações desse narrador, tal qual se nota no trecho selecionado na introdução deste artigo, criticam a perspectiva desumana do alienista, que, apesar de ser visto como um “Hipócrates”, é alguém que se prendeu à luta perdida como “Catão”. Além dessas colocações, o narrador ainda permite maior amplitude da perspectiva sobre o enredo com a ação de outros personagens, que apontam para outras possibilidades de se conceber o mundo além da ciência objetiva e racional.

O realismo, em *O alienista*, vem da possibilidade de se capturar o essencial na realidade por meio da representação literária, em que a visão mais geral não se encerra na visão fechada de Simão Bacamarte. Essa visão menos abrangente da realidade, notada no protagonista, é marca de um processo denominado de fetichização, em que as relações humanas que compõem a realidade são camufladas, e se limita o entendimento que se tem da vida como um todo. A fetichização fragmenta e desumaniza, processo que ocorre na vida do alienista no que diz respeito à limitação de perspectiva provocada pela força artificial atribuída à ciência: “como algo fora das fraquezas humanas, fora do vulgo, das coisas miúdas” (GOMES, 1993, p. 152).

### 3. “A QUESTÃO É CIENTÍFICA”<sup>3</sup>

Segundo Lukács (2010b), em *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*, a fetichização modifica a maneira como o indivíduo entende o mundo, pois “o mundo aparece completamente diverso daquilo que na realidade ele é: aparece deformado em sua própria estrutura, separado de suas efetivas conexões” (LUKÁCS, 2010b, p. 19). Apaga-se a essência da realidade, que seria a própria existência humana efetivada nas relações sociais, e dá-se destaque a outros elementos que, artificialmente, são preenchidos de significado. Como fenômeno característico do capitalismo apologético, ou seja, do capitalismo decadente, esses elementos preenchidos de sentido são as mercadorias e o dinheiro, enquanto as relações humanas perdem sentido e se esvaziam em sua autenticidade.

Simão Bacamarte, inserido nessa perspectiva fetichista, não consegue reconhecer as relações humanas que compõem a sua realidade, não consegue perceber que a ciência é um

---

<sup>3</sup> A citação é do conto *O alienista*: ASSIS, M. de. **O alienista**. 34 ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 55.

saber humano entre outros saberes. O diagnóstico de loucura que é dado a algum morador de Itaguaí pode ser contestado porque o critério adotado para essa conclusão pode não ser completamente real ou adequado às condições daqueles indivíduos. Ao se valer de um saber fetichizado, que, de tanto ser destacado da sociedade como superior, perdeu ligação com suas raízes humanas, o alienista encontra barreiras enormes para alcançar uma verdade, existente nas relações autênticas entre indivíduos.

A fetichização chega a níveis tão absurdos no enredo irônico de *O alienista* que Simão Bacamarte termina como o próprio louco a partir da deformada ideia de que o equilíbrio mental corresponde à anormalidade. Seus critérios se encontram muito problemáticos e não correspondem à realidade, uma vez que a ciência fetichista se volta unicamente para suas próprias questões. Essa reclusão da ciência em si mesma é observada na própria reclusão do alienista no seu hospício: “Reúno em mim mesmo a teoria e a prática” (ASSIS, 2009, p. 55).

Essa crítica à fetichização só é possível no conto porque a visão do protagonista não encerra a visão que se tem do conto. Além da perspectiva limitada do médico, o texto machadiano traz outros pontos de vista e aponta para outras dimensões que não a da ciência deformada. Por mais que Simão Bacamarte seja representado na sua perspectiva fetichizada, o conto busca estratégias para questionar esse posicionamento e permite novos olhares sobre o que o alienista não consegue ver. A caracterização do personagem a partir da lógica do fetichismo é a revelação de que existem essas relações humanas problemáticas e que essa deformação não corresponde à realidade total. O fim do alienista, marca dessa fetichização, é ironizado, não é entendido de forma fatalista. A ironia da situação absurda revela uma visão completamente equivocada do médico, o que demonstra que há outras possibilidades de se compreender a vida além do que entendia o tão estudioso alienista.

Para Lukács (2010b), a arte tem um papel importante na desfetichização dessa realidade problemática, permitindo um novo entendimento em relação à essência da realidade, ao qual, na vida cotidiana marcada pelo capital, às vezes é tão difícil de se ter acesso completo. O fetichismo leva a humanidade a uma compreensão majoritária da aparência, sem que as efetivas relações humanas sejam compreendidas por inteiro. O movimento dialético que compõe a totalidade é perdido por uma simplificação fetichista, que enfraquece a potência da ação humana. A arte realista, para Lukács (2010b), consegue capturar esse movimento dialético entre essencial e aparente, o que ocorre em *O alienista*.

O conto machadiano em questão não é uma tese de como deve funcionar a ciência no Brasil. Também não é, apesar das críticas, uma recusa total ao método científico. O texto é uma representação de uma realidade particular que evidencia os problemas de seu tempo e espaço,

em que os procedimentos estéticos conseguem superar a fetichização e alcançar a dinâmica viva da sociedade brasileira de fins de século XIX, que enfrentava uma dificuldade que carecia de resolução: o cientificismo.

A ciência ganha, com estudos tais quais os realizados por Darwin sobre o evolucionismo, nova força no século XIX como uma forma de se alcançar a verdade. Porém, uma visão errônea sobre essa ciência entende esse saber como uma verdade que não pode ser contrariada, a não ser por seus próprios mecanismos científicos. Nesse período, esse olhar científico intensificado elimina outras possibilidades de se alcançar o entendimento total da realidade, o que, de alguma maneira, aparece em *O alienista*. No conto, a ciência assume um poder tão grande e tão distante da vida humana real que se fecha em si mesma, criando uma falsa ilusão de real que não se conecta à essência das relações humanas na sociabilidade.

Dessa maneira, o conto aponta para um problema que caracteriza a sociedade finisecular do século XIX, com especial destaque para a situação brasileira, periférica em relação à produção intelectual europeia e com um desejo de ingressar na modernização assim como a própria Europa. O Brasil, na condição de periferia, mantém uma relação colonial com o Velho Continente, em que o conhecimento produzido no exterior parece dizer, à semelhança do que entende Schwarz (2000) em *As ideias fora do lugar*, exatamente o que é preciso saber sobre o país, o que, na realidade, não revela a particularidade do local por apego a um universalismo vazio. Simão Bacamarte não consegue identificar as particularidades próprias de Itaguaí e lança todo e qualquer problema psiquiátrico local a critérios e normas que não dizem respeito ao que se passa na cidade brasileira, uma vez que a ciência tem uma pretensão de universalidade que, na realidade, é problemática.

Machado consegue, em *O alienista*, criar um protagonista que se conecta ao universal e que, por mais que não tenha total consciência da realidade, apresenta uma singularidade, promovendo uma relação dialética que se conecta ao movimento dinâmico da sociedade brasileira em fins do século XIX. O médico apresenta uma personalidade que revela essa dinâmica, mesmo que a consciência do personagem seja limitada por uma visão deformada do mundo.

Simão Bacamarte não é, na obra, apenas um porta-voz do cientificismo, o que configuraria um sujeito vazio, sem vida própria que não a tese de um autor sobre determinado assunto. O alienista tampouco é um indivíduo isolado de sua realidade social, uma vez que sofre com o fetichismo de um meio capitalista e periférico. Construiu-se um personagem completo e realista por meio de uma preocupação estética que não se isola das problemáticas sociais, com

um narrador que monta seu discurso com ironia e que dá abertura para a visão de outros personagens.

É difícil interpretar Simão Bacamarte como realista por causa da fetichização que o limita e que não permite sua inteira relação com o meio, com os outros indivíduos. Entretanto, Machado de Assis encontra “uma solução estética” (BASTOS, 2006, p. 97) que consegue revelar a realidade de um personagem que não se entende como parte de um todo social. Machado consegue realizar essa relação perdida pelo protagonista, revelando a realidade que existe para além da fetichização.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonista Simão Bacamarte é um personagem concebido de maneira realista, ainda que sua perspectiva de vida seja limitada pelo fetichismo da ciência que marca o final do século XIX. A obra abre para o leitor compreender, para além desse fetichismo, uma dinâmica viva que sustenta o enredo e que explica a decadência do alienista diante de uma luta perdida, em que se morre por um ideal falso: “Hipócrates forrado de Catão”. Apesar de conservar uma imagem de gênio, o médico pouco entende sobre sua relação enquanto indivíduo com o restante da humanidade, isolando-se na ciência e vivendo para tal fim. O conto consegue compreender esse problema, motivado por uma questão própria da realidade do século XIX no Brasil, a partir da criação estética capaz de captar a dinâmica viva entre essência e aparência.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. Filosofia das ciências. In: \_\_\_\_\_.
- Filosofando**: introdução à filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- ASSIS, M. de. **O alienista**. 34. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- BASTOS, H. **Formação e representação**. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, n. 21, ano 15, 2006, p. 91-112. Disponível em <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3851/1/ARTIGO\\_FormacaoRepresentacao.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3851/1/ARTIGO_FormacaoRepresentacao.pdf)> (Acesso em 06/12/2018)
- GARBUGLIO, J. C. Entre a loucura e a ciência. In: ASSIS, M. de. **O alienista**. 34. ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 7-10.
- GOMES, R. **O Alienista**: loucura, poder e ciência. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 145-160, 1993 (editado em nov. 1994)

LUKÁCS, G. A fisionomia intelectual dos personagens artísticos. In: \_\_\_\_\_. **Marxismo e teoria da literatura**. Seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010a, p. 187-230.

\_\_\_\_\_. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Maloto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010b, p. 11-38.

\_\_\_\_\_. O romance como epopeia burguesa. In: \_\_\_\_\_. **Arte e sociedade**: escritos estéticos 1932-1967. Organização, apresentação e tradução: Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011, p. 193-243.

SCHWARZ, R. As idéias fora do lugar. In: \_\_\_\_\_. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades. Ed. 34, 2000, p. 9-31.

SILVA, T. F. da. **“Franjas de algodão em mantos de veludo”**: apropriação irônica e realidade histórica nos contos de temática religiosa de Machado de Assis. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2013. Disponível em <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13942/1/2013\\_TiagoFerreiraSilva.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13942/1/2013_TiagoFerreiraSilva.pdf)> (Acesso em 18/11/2018)

<https://www.dicionariodelatim.com.br/victrix-causa-diis-placuit-sed-victa-catonii/> (Acesso em 06/12/2018)